

A VISÃO LÚDICA E SOLIDÁRIA DE ADOLESCENTES CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL

Lucimare Ferraz*
Mara Helena de Andrea Gomes**
Maria Assunta Busato***

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar os motivos que levam crianças e adolescentes a trabalharem na coleta de materiais recicláveis. Trata-se de um estudo qualitativo, com o delineamento de um estudo descritivo. Participaram da pesquisa duas crianças e vinte adolescentes catadores de materiais recicláveis. A coleta de dados ocorreu a partir de entrevistas semiestruturadas e grupo focal, nos meses de janeiro e fevereiro de 2009. O tratamento dos dados foi feito por meio de análise de conteúdo, através da técnica de análise temática, que consiste na identificação dos núcleos de sentido a partir da presença ou da frequência do tema que compõe o texto, desde que tenha uma relação com os objetivos ou questões da pesquisa. Na análise dos resultados identificamos os seguintes motivos pelos quais crianças e adolescentes trabalham na coleta de material reciclável, a saber: para ajudar os pais no trabalho; para gerar recursos financeiros à família; e para sair de casa e se entreter. Ao final concluímos que não conseguimos descolar a situação de trabalho com a de entretenimento entre essas crianças. Trabalho e entretenimento, a casa e a rua, são polarizações inaplicáveis a esse grupo, constituem-se mutuamente e conformam suas vidas.

Palavras-chave: Trabalho de menores. Motivação. Catadores.

INTRODUÇÃO

O trabalho infantil é uma realidade assustadora pelas dimensões que apresenta e pela magnitude de sua ocorrência. No Brasil são 4,5 milhões de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos de idade que trabalham em atividades econômicas, representando 10,2% da população nesta faixa de idade, segundo o retrato atual realizado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2008. Entre as atividades desenvolvidas, 35,5% trabalham na agricultura e 51,6% são empregados ou trabalhadores domésticos. Suas circunstâncias obedecem aos critérios econômico-regionais, a região Nordeste tem o maior índice (com 12,3%), seguida pela região Sul (11,9%); enquanto a região Sudeste possui o menor percentual (7,9%). Dentre os meninos de 5 a 17 anos de idade, 13,1% trabalham; e as meninas constituem 7,1%, fato percebido em todas as regiões do País⁽¹⁾.

A pobreza é uma explicação inegável para o trabalho infantil, condição que obriga os pais tanto a utilizar os filhos como mão de obra doméstica quanto a oferecê-los no mercado de

trabalho para aumentar a renda familiar. Considerando o aspecto social, observa-se que crianças e adolescentes estão trabalhando para garantir uma renda básica para a sobrevivência⁽²⁾. Essa situação acaba condicionando uma causa da pobreza futura, uma vez que a criança que trabalha apresentará um nível de escolaridade final mais baixo do que o alcançado por aquelas que não trabalham.

É uma situação que tende a se reproduzir enquanto permanecer uma alternativa a certos segmentos de trabalhadores para se manter na esfera do trabalho, ainda que em condição precária, como uma alternativa de sobrevivência a um contingente de trabalhadores não especializados e/ou fora do mercado de trabalho. Quanto ao trabalho precário de catação de lixo, além de ser uma atividade realizada sob as piores condições de trabalho, é a própria precarização condicionada à utilização da mão de obra infantil⁽³⁾.

É certo que a natureza do trabalho infantil está enraizada nas situações de pobreza, de desigualdade e de exclusão social, mas seus efeitos propagam-se por todas as dimensões da vida, pois o trabalho precoce repercute negativamente na saúde dos infantojuvenis⁽⁴⁾.

* Enfermeira, Dra. Professora da Universidade Comunitária da Região de Chapecó, em Chapecó (SC). E-mail: lferraz@unochapeco.edu.br

** Socióloga, Dra. Professora da Universidade Federal de São Paulo (SP). E-mail: maraandrea@unifesp.br

*** Bióloga, Dra. Professora da Universidade Comunitária da Região de Chapecó, em Chapecó (SC). E-mail: assunta@unochapeco.edu.br

Diante da relevância do tema “trabalho infantil”, apresentamos um estudo cujo objetivo foi conhecer os motivos que levam crianças e adolescentes a trabalharem na coleta de materiais recicláveis. Quando optamos por desvendar as expressões cotidianas do trabalho infantil, assumimos a perspectiva de percebê-las além da sua dimensão econômica.

METODOLOGIA

Participaram do estudo duas crianças e vinte adolescentes catadores de materiais recicláveis, moradores de três regiões que apresentam maior concentração de famílias catadoras no município de Chapecó, localizado no oeste do estado de Santa Catarina. Com relação ao ponto de corte da idade das crianças e adolescentes participantes, estabelecemos sete a dez anos para as crianças, pois sete anos é a idade em que a criança deve iniciar o ensino fundamental (que é obrigatório segundo a legislação Brasileira), e dez anos porque, segundo a Organização Mundial da Saúde, ainda são consideradas crianças. Já os adolescentes tinham idade entre 11 e 15 anos, pois a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) proíbe o trabalho antes dos 16 anos de idade, a não ser na forma de menor aprendiz, o que não é o caso dos catadores de material reciclável.

Quanto à seleção dos participantes, essa ocorreu pela técnica bola de neve, proposta por Minayo⁽⁵⁾. Desta forma, o primeiro entrevistado, indicado por assistente social de uma Organização Não Governamental (ONG), indicou outro, que por sua vez indicou outro, e assim por diante.

Dada a multiplicidade de questões sociais envolvidas no estudo e com o intuito de descrever e interpretar com a amplitude possível a problemática de pesquisa que nos propusemos realizar, optamos pelas seguintes técnicas de coleta de informações: entrevistas semiestruturadas e grupo focal.

As entrevistas foram realizadas nos domicílios dos participantes do estudo, nos meses de janeiro e fevereiro de 2009. Em vista da solicitação de alguns pais, algumas entrevistas aconteceram na presença destes, o que pode ter embaraçado alguns adolescentes. Acreditamos que tal constrangimento foi

contornado com o desenvolvimento do grupo focal, que contou com a participação somente dos pesquisadores e adolescentes. Ressaltamos que todos os participantes das 22 entrevistas foram convidados para o grupo focal, porém apenas duas crianças e sete adolescentes compareceram nos dois encontros do grupo. Os encontros do grupo focal aconteceram no mês de fevereiro de 2009, no centro comunitário do local em que residem os adolescentes.

O procedimento analítico das informações colhidas nos depoimentos dos adolescentes foi realizado por meio da análise de conteúdo temática, segundo a proposição apresentada por Bardin⁽⁶⁾, no qual seguiu os seguintes momentos para a caracterização das mensagens e dos enunciados: a pré-análise; a exploração do material; e, por fim, o tratamento dos resultados (inferência e a interpretação).

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), por intermédio do protocolo número 1015/07. Os aspectos éticos da pesquisa que garantem a integridade das crianças e dos adolescentes foram respeitados, considerando a anuência do participante, além do seu responsável legal. Essa anuência se deu após a explicação do propósito, os objetivos e os procedimentos da pesquisa, acordados em um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Neste documento, ficou garantido aos participantes o direito de se retirarem da pesquisa caso assim o desejarem, bem como a proteção da identidade e o respeito à individualidade e à privacidade de todos os envolvidos. Os protocolos usados nesta pesquisa estão rigorosamente de acordo com a Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, legislação vigente na época da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os depoimentos das crianças e adolescentes permitiram-nos conhecer seus motivos para ingressarem no trabalho de coleta de material reciclável. Dentre as razões, duas categorias foram identificadas, a saber: ajudar os pais; e o sentir prazer e desprazer no cotidiano de trabalho.

AJUDAR OS PAIS

De acordo com as crianças e adolescentes, ajudar os pais no trabalho braçal, desde a coleta nas ruas até a separação do material em casa, é um dos motivos para estarem trabalhando na catação de matéria reciclável, como mostra as falas a seguir:

Ajudar meu pai segurar o cavalo, pegar o papel. († 14 anos).

Pra ajudar. Porque os dois {pais} sozinhos não dão conta, mais ainda que os dois são meio velhinhos. († 14 anos).

Porque o pai tem problema de saúde e tem que ficar junto. († 13 anos).

A atividade de catação é ainda mais difícil se realizada de maneira isolada e individualmente. É flagrante a necessidade de colaboração, pois o trabalho é realizado de maneira mais ágil quando os catadores trabalham em dupla: enquanto um deles segura o carrinho ou a carroça, o outro apanha o material; enquanto um está atento aos carros, o outro olha para os materiais expostos nas ruas. Além da ajuda física de empurrar o carrinho, guiar a carroça, apanhar e separar o material reciclável, essas crianças e adolescentes também colaboram com suas famílias com recursos monetários advindos do trabalho de catar lixo. Essa ajuda foi constatada nessas expressões:

Pra ajudar a mãe, porque ela não tem condições de comprar nada. († 8 anos).

Porque não tem ninguém que paga melhor para trabalhar. († 13 anos).

Porque não sofre muito. Porque ajudo minha mãe. Sustento a casa. († 15 anos).

Pra mim comprar material pra mim estudar. († 12 anos).

A maioria das famílias pesquisadas recebe auxílio do Programa Bolsa Família e segue suas prescrições, sobretudo a de manter crianças e adolescentes na escola. Sabemos, no entanto, que não é o bastante para erradicar o trabalho infantil e transformar a situação de exclusão a que estão submetidas.

Em um estudo realizado para verificar os impactos do Programa Bolsa Família Federal sobre o trabalho infantil e a frequência escolar, evidenciou-se que o programa é eficiente em

elevar o atendimento escolar das crianças, mas que “é incapaz de reduzir a incidência de trabalho infantil, fenômeno perverso intrinsecamente relacionado com o menor atendimento escolar entre crianças de famílias pobres”⁽⁷⁾.

São várias as razões que levam à inserção precoce da criança e adolescentes ao mercado de trabalho, mas a maioria dos estudos econômicos aponta para a baixa renda familiar como o principal motivo. Por isso, a questão do trabalho infantil está intrinsecamente relacionada à pobreza, sendo simultaneamente causa e consequência desta. O trabalho infantil perpetua a situação de pobreza, uma vez que o tempo gasto com a atividade laboral diminui as possibilidades, ou o aproveitamento, de a criança estudar. Além disso, a inserção precoce em atividades laborais “em detrimento da efetivação de investimentos em educação prejudica a sua possibilidade de ascensão social e traz impactos negativos na distribuição de renda intergeracional”⁽⁸⁾.

SENTIR PRAZER E DESPRAZER NO COTIDIANO DE TRABALHO

A pobreza em que se encontram as famílias de catadores explica a colaboração das crianças e adolescentes no orçamento doméstico, mas sair de casa e se entreter também foi um motivo bastante apontado:

Porque eu não gosto de ficar em casa, porque enjoa. († 13 anos).

Eu não tenho nada pra fazer em casa. Tenho mais é que ir trabalhar. († 13 anos).

Porque a gente conhece os bairros. Pra passear, brincar. († 11 anos).

Passa o tempo, prefiro ir trabalhar do que ficar em casa. († 13 anos).

Durante as entrevistas nos domicílios, constatamos crianças e adolescentes (além dos participantes da pesquisa) desempenhando atividades consideradas domésticas em habitações precárias e sem espaço para brincadeiras, bem como a ausência de cômodos para convívio familiar no interior das casas. Observamos, também, que a maior parte do ambiente externo das casas estava ocupada com

materiais coletados. Assim sendo, não é difícil imaginar que nessas condições a rua seja o local preferido para ficar e para brincar.

O ambiente saudável envolve diferentes condições que tornam o espaço agradável para viver. Neste caso, como os ambientes das residências oferecem poucas condições para o lazer e o convívio familiar das crianças e adolescentes em casa, possivelmente sejam as razões pelas quais preferem estar nas ruas, pois estas oferecem condições e lugares para o divertimento, ainda que seja em meio ao trabalho que fazem junto aos seus pais. Nos lares com baixas condições econômicas, observa-se a falta de atratividade, seja por causa da violência, da exclusão social, seja por qualquer outro problema. É na rua, além de na família, vizinhança e em outros ambientes, que elas estabelecem contatos sociais, que desempenham diferentes papéis e realizam diversas atividades.

Igualmente, é importante lembrar que a maioria das crianças e adolescentes de classes populares auxilia nos afazeres domésticos, o que nos permite intuir que ao saírem de casa para catar estão se afastando de atividades que consideram menos atrativas. Nesse aspecto, vale ressaltar que o trabalho infantil doméstico é, muitas vezes, nomeado como ajuda, não sendo reconhecido como trabalho, apesar de despendar tempo e demandas físicas e psíquicas, constituindo-se em uma violação aos direitos dessas crianças e adolescentes⁽⁹⁾.

Entre os mais jovens – as crianças –, percebemos que sentem prazer em acompanhar seus pais e irmãos. Para eles, estar na rua é divertido e no seu imaginário há maiores possibilidades de encontrar comida, roupas e brinquedos, há expectativa do inesperado, de um achado agradável. Quando ficam em casa, tudo é mais previsível e monótono, comparado com a diversidade de coisas e situações que a rua pode oferecer, como verificamos nas falas:

É ruim só ficar em casa, não tem muito o que fazer. († 12 anos).

Porque a gente conhece os bairros. Pra passear, brincar. († 11 anos).

Passar o tempo. Prefiro ir trabalhar do que ficar em casa. († 12 anos).

Tem às vezes que a gente vai pra lugar diferente, conheço tudo que é mercado, casa. († 12 anos).

Não podemos considerar que estar na rua seja mais fácil do que em casa, mas sabemos o contexto de violência no qual estas crianças vivem. A falta de atratividade das suas casas e escolas, por um lado, e a atratividade oferecida pela rua como espaço de liberdade, por outro lado, fazem com que o domicílio não seja seu lugar preferido⁽¹⁰⁾.

Nos processos de trabalho, há atividades que o trabalhador sente mais ou menos prazer em executá-las, pois o labor nem sempre se apresenta apenas como infortúnio, muitas vezes é até gerador de saúde e prazer. Diante desse pressuposto, também buscamos saber as atividades que as crianças e os adolescentes catadores gostam e desgostam no seu cotidiano laboral.

Ao perguntarmos se gostavam de trabalhar como catadores, somente dois adolescentes, um menino de 15 e uma menina de 14 anos, disseram que não. Para estes, solicitamos que nos dissessem o porquê do desgosto, e a adolescente inicialmente respondeu “*porque não*”. Ao insistirmos, disse:

Porque tenho que separar o material do lixo. Porque tem mistura de lixo com o reciclável.
(† 14 anos).

Quanto ao garoto, esse nada respondeu quando questionado novamente sobre o quê/por quê não gostava de trabalhar. Porém, a sua mãe, que estava ao seu lado durante a entrevista, respondeu:

Acho que tem vergonha, porque já é um rapazinho. (Mãe de um dos adolescentes).

A vergonha de ser catador também é comum entre os trabalhadores adultos, segundo o resultado de outros estudos⁽⁴⁻¹¹⁾. Para muitos catadores, ter de viver do trabalho de catação representa humilhação e vergonha⁽¹²⁾. Os autores ainda referem que a baixa escolaridade associada à autoimagem que os catadores fazem de sua profissão e de sua posição social desencadeia o preconceito e o descrédito que eles próprios têm em relação ao trabalho que exercem.

Desse modo, os catadores “introjetam culpas e vergonhas por sua suposta improdutividade na sociedade da produção, tendo uma autoimagem circunscrita ao campo não só do não-ter, mas também do não-ser”⁽¹³⁾. Se para os adultos a condição de trabalhar com o lixo é vivenciada

com certo acanhamento, essa perspectiva nos conduz a refletir sobre os adolescentes que estão construindo uma identidade psicossocial, quando as representações de si e do mundo exercem tanta influência.

Evidenciamos, também, que não gostam de separar o que é reciclável no lixo coletado nem da organização exigida pela comercialização, por serem atividades cansativas que ainda os expõem ao constante contato com o cheiro e a aparência feia do lixo orgânico. Além do seu aspecto desagradável, não podemos ignorar que o lixo gera uma denúncia de mal-estar, individual ou social. Portanto, podemos pensar que, na nossa sociedade asséptica e de recusa de odores, trabalhar com o lixo e viver entre objetos desagradáveis é sinônimo de degradação social.

Nesta direção, estudos reiteram que, quando uma de suas tantas imagens, a população de catadores de lixo se faz presente na dinâmica urbana das cidades, evidenciando que o “simples” ato de consumir produtos provoca, interfere, dissemina fenômenos sociais pautados na exclusão e que afeta a saúde ambiental e coletiva do planeta, exigindo mudanças nas políticas públicas vigentes e readequando os atuais modos de vida em sociedade⁽¹⁴⁾.

Entretanto, constatamos que gostam de sair para coletar, já que isso lhes permite transitar por diversos lugares, ver coisas e situações diferentes a cada percurso. Ademais, notamos que, além de serem instrumentos para facilitar o transporte do material coletado, a carroça e o cavalo geram prazer nos garotos em guiar e conduzir, como evidenciamos nesses depoimentos:

Tudo é legal quando eu guio a carroça. († 14 anos).

Andar a cavalo. Guiar o cavalo. († 12 anos).

Vou pra cidade. Ando de carroça, pra ficar na lida com o cavalo. († 14 anos).

Para alguns adolescentes, o fato de terem o gerenciamento de uma carroça e do que será coletado pode lhes equiparar ao *status* de adultos, de alguém que tem o comando de parte da sua vida. Além disso, pode colocá-los em um patamar superior perante seus pares, uma vez que já tem renda, conhecimento e experiências diferentes dos adolescentes do seu meio. Para a população de baixa renda, trabalhar pode

significar que há capacidade de enfrentar suas dificuldades e de que há maior probabilidade de garantia de um futuro mais seguro.

Contudo, não podemos deixar de ressaltar, ao final desse estudo, que a conjuntura do trabalho infantojuvenil parece estar naturalizada no Brasil e, em algumas situações, é até desejável quando esse se apresenta como solução diante da pobreza e da violência. Entretanto, ao adentrarem no universo de trabalho precocemente, esses jovens trabalhadores estão expostos a enfermidades, a acidentes de trabalho e a danos à saúde que, a médio e longo prazo, possivelmente, podem se tornar irreparáveis⁽¹⁵⁾.

O trabalho, por um lado, é usado como elemento disciplinador das crianças e adolescentes, evitando o ingresso na marginalidade dos segmentos pobres. Por outro lado, na condição de trabalhador precoce, o sujeito se constrói em sua atividade e ao mesmo tempo se esvazia, por ser “explorado, consumido, autonomizado e adultizado”^(16:2,17).

Por fim, vale destacar que as crianças, os adolescentes e as famílias que trabalham com catação de material reciclável, na maioria dos casos, não possuem apoio dos governos locais, estando à mercê da própria sorte e, em alguns casos, são reféns de atravessadores, estando em um circuito produtivo pelo lado perverso, caracterizado pela exploração do seu trabalho⁽¹⁷⁾.

Deste modo, faz-se necessário recrutar e extinguir situações aviltantes e exploradoras das condições de trabalho em que crianças e adolescentes estão submetidos, principalmente quando as atividades desenvolvidas pelos infantojuvenis não têm o propósito de prepará-los para o enfrentamento da vida adulta, nem a perspectiva de um saber local formador de sujeitos à sociedade⁽¹⁸⁾.

Conforme a Convenção Internacional dos Direitos da Criança, a Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente, o trabalho infantil limita as oportunidades para a educação, para a aquisição de capital cultural, para uma inserção social e para o pleno desenvolvimento humano destas⁽¹⁹⁾.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para as crianças e adolescentes, trabalhar na catação é algo importante porque acreditam que

seu trabalho, além de ajudar seus pais na prática laboral, contribui financeiramente com a família. Também, deixam transparecer que, ao desenvolverem as atividades na catação de materiais, estão vivenciando experiências lúdicas, muitas vezes, mais prazerosas do que o seu espaço-ambiente familiar.

Definitivamente, a pobreza permeia todos os motivos que levam essas crianças e adolescentes ao trabalho. Além de suprir as necessidades com recursos provenientes da catação, o trabalho é considerado por muitos como uma atividade de lazer e entretenimento que não encontram em seus domicílios. Sair para catar é a condição que os permite ver coisas novas e diferentes de seu mundo, como liberdade e autonomia para guiar um instrumento de locomoção, nesse caso a carroça.

Nesse sentido, não conseguimos descolar a situação de trabalho com a de entretenimento entre essas crianças. Não foi possível conceber

tal dicotomia e essa impossibilidade é, talvez, uma das contribuições do nosso estudo. Trabalho e entretenimento, a casa e a rua, são polarizações inaplicáveis a esse grupo, constituem-se mutuamente e conformam suas vidas. Ajudar os pais, conseguir recursos para sobrevivência e entretenimento são alegações reiteradas nas falas dessas crianças e ajudam a reelaborar algumas explicações correntes de sentidos que permitiram compreender a persistência do trabalho infantil.

A partir desse cenário, percebemos a necessidade de políticas públicas no sentido da promoção da saúde, em especial, de condições de trabalho para os adultos, trabalhadores da coleta de materiais recicláveis, cujos filhos, crianças e adolescentes, são copartícipes laborais e espaços para lazer para esses adolescentes, a fim de que possam ter condições favoráveis e agradáveis de convivência em sua comunidade e meio familiar.

THE LUDIC AND SOLIDARY VISION OF CHILDREN AND ADOLESCENTS WHO COLLECT RECYCLABLE MATERIALS

ABSTRACT

This study aims at presenting the reasons which lead children and adolescents to work as recyclable materials collectors. This study is characterized by being a qualitative study, delineated by a descriptive study. Two children and 20 adolescents who collect recyclable materials took part in this study. The data was collected through semi-structured interviews and focal group in January and February 2009. The data was studied by content analysis, through the thematic analysis technique, which consists in identifying the meaningful content nuclei from the presence or the frequency of the theme which composes the text, since it is related to the objectives or research questions. Through the analysis, the following reasons which lead these children and adolescents to work as collectors of recyclable materials are the following: to help their parents at work, to provide financial sources to the family; to go out and to have fun. In the end of this study, we concluded that the work situation and the entertainment of these kids could not be separated. Work and entertainment, home and street, are polarizations which are not applicable to this group, since they are constituted mutually and conform to their lives.

Keywords: Child labor. Motivation. Solid waste segregators.

LA VISIÓN LÚDICA Y SOLIDARIA DE NIÑOS Y ADOLESCENTES RECOLECTORES DE MATERIALES RECICLABLES

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo presentar las razones que llevan con que los niños y adolescentes trabajen como recolectores de materiales reciclables. Se trata de un estudio cualitativo, con la delineación de un estudio descriptivo. Participaron de la investigación dos niños y veinte adolescentes que recolectan materiales reciclables. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas semiestructuradas y grupo focal, en los meses de enero y febrero de 2009. El tratamiento de los datos fue hecho a través del análisis de contenido, por la técnica de análisis temático, que consiste en la identificación de los núcleos de sentido a partir de la presencia o de la frecuencia del tema que compone el texto, desde que tenga una relación con los objetivos o preguntas de la investigación. En el análisis de los resultados identificamos las siguientes razones por las cuales los niños y adolescentes trabajan en la recolección de material reciclable: para ayudar a sus padres en el trabajo; para proporcionar recursos financieros a la familia y; para salir de casa y entretenerse. Al final concluimos que no se podía separar la situación de trabajo con la de entretenimiento de estos niños. Trabajo y entretenimiento, el hogar y la calle, son polarizaciones que no son aplicables a este grupo, pues se constituyen mutuamente y conforman sus vidas.

Palabras clave: Trabajo de menores. Motivación. Recolectores.

REFERÊNCIAS

1. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. Síntese de Indicadores Sociais: Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira 2008. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Brasília (DF): Diretoria de Pesquisas Coordenação de População e Indicadores Sociais; 2009.
2. Lima MB, Ribeiro DF, Andrade AS. Percepções de crianças e adolescentes sobre seu trabalho informal. *Psicol rev (Belo Horizonte)*. 2011; 17(1):48-66.
3. Severo RG. Catadores de Materiais Recicláveis da Cidade de Pelotas: Situações de Trabalho [dissertação]. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, Programa de Mestrado em Ciências Sociais; 2008.++
4. Pimenta AA, et al. Repercussões do trabalho na saúde dos adolescentes trabalhadores. *Acta Paul Enferm*. 2011; 24(5):701-16.
5. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec; 2010.
6. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2009.
7. Cacciamali MC, Tatei F, Batista NF. Impactos do Programa Bolsa Família federal sobre o trabalho infantil e a frequência escolar. *Rev. econ. contemp*. 2010; 14(2):269-30.
8. Ferreira-Batista N, Cacciamali MC. Migração familiar, trabalho infantil e ciclo intergeracional da pobreza no estado de São Paulo. *Nova econ*. 2012; 22(3):515-54.
9. Alberto MFP, et al. Trabalho infantil doméstico: perfil bio-sócio-econômico e configuração da atividade no município de João Pessoa, PB. *Cad. psicol. soc. trab.* [online]. 2009; 12(1):57-73.
10. Santos EC. Um estudo sobre a brincadeira de crianças em situação de rua [dissertação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento; 2004.
11. Gonçalves MA. O trabalho no lixo: Presidente Prudente [tese]. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, Doutorado em Geografia, Faculdade de Ciências de Tecnologia; 2006.
12. Medeiros LFR, Macedo KB. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? *Psicol. soc.* 2006; 18(2):62-71.
13. Juncá DCdeM. Mais que sobras e sobranes: vida e trabalho no lixo [tese]. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Doutorado em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca; 2004.
14. Siqueira MM, Moraes MSde. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. *Ciênc. saúde coletiva*. 2009; 14(6):2115-22.
15. Silveira RCdaP, ROBAZZI MLdoCC. As crianças e os adolescentes trabalhadores acidentados no trabalho e atendidos em unidade básica distrital de saúde em Ribeirão Preto (SP). *Ciênc. cuid. saúde*. 2006; 5(2):158-65.
16. Alberto MFP, Santos DP. Trabalho infantil e desenvolvimento: reflexões à luz de Vigotski. *Psicol. estud.* 2011; 16(2):209-218.
17. Ferraz L, Gomes MHA, Busato MA. O catador de materiais recicláveis: um agente ambiental. *Cad. EBAPE.BR*. 2012; 10(3):763-68.
18. Cardoso LFC, Souza JLC. Viver, aprender e trabalhar: habitus e socialização de crianças em uma comunidade de pescadores da Amazônia. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.* 2011 ; 6(1):165-77.
19. Alberto MFP; Silva ACS; Souza GP, Nunes TS. O trabalho infantil na rua. *Cad. psicol. soc. trab.* [online]. 2010; 13(1):59-71.

Endereço para correspondência: Lucimare Ferraz. Av. Atílio Fontana, 591-E, Bairro Efapi, CEP 89809-000, Chapecó, Santa Catarina, Brasil.

Data de recebimento: 18/12/2012

Data de aprovação: 13/11/2013